



FORMAÇÃO DO LEITOR: UM ESTUDO DE CASO.

Esdras do Nascimento Ribeiro ¹

RESUMO

O trabalho com o texto literário em sala de aula contribui significativamente para a formação integral do aluno. Diante disso, faz-se sempre necessário que nós, educadores, estejamos constantemente reavaliando e reformulando nossas práticas pedagógicas. Pensando nisso, o estudo aqui apresentado tem como objetivo investigar, analisar e refletir acerca dos motivos que levam alguns alunos da turma do 7º ano “a”, do ensino fundamental, de uma escola pública estadual da cidade do Crato – Ceará, a apresentarem uma resistência a uma experiência leitora com o texto literário. O procedimento metodológico adotado para a pesquisa foi o estudo de caso, de caráter descritivo, pautado nos princípios quantitativos e qualitativos do método científico, além da utilização da pesquisa bibliográfica documental. O estudo discorre acerca da formação do leitor, do ensino do texto literário e analisa as informações coletadas a partir de um arcabouço teórico robusto.

Palavras-chave: Leitura, Literatura, Formação do Leitor.

INTRODUÇÃO

A leitura do texto literário configura-se como uma atividade complexa, pois exige do leitor um conjunto de habilidades e competências capazes de reconhecer no texto suas intenções, seus sentidos, suas operações linguísticas, bem como as proposições estabelecidas e expressas pelo autor. Assim, a obra literária instiga em seus leitores o desenvolvimento da imaginação, o posicionamento crítico, a utilização adequada da língua em seus diversos contextos, além de possibilitar aos sujeitos a reflexão sobre si mesmos e sobre o mundo.

Ler literatura proporciona aos alunos a possibilidade de experimentar situações, estímulos e vivências diversas, que quando associadas à história de vida desses sujeitos, provocam, neles, diferentes maneiras de interagir com a obra literária. Portanto, quando nos reportamos à leitura literária, principalmente, no âmbito da sala de aula, criar condições para que o aluno alcance a dimensão estética do texto é fundamental. Contudo, não é incomum, que em determinados momentos durante a prática pedagógica, o aluno

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Campina – UFCG, professor da educação básica do estado do Ceará – SEDUC, esdras.ribeiro2013@gmail.com



demonstre alguma resistência diante da possibilidade de vivenciar a leitura do texto literário.

Portanto, no intuito de contribuir para a formação literária do leitor, a escola precisa elaborar estratégias metodológicas que melhor atendam às necessidades do educando, além de estar atenta à realidade sociocultural desses sujeitos, uma vez que eles precisam se identificar com a leitura proposta e, ainda, considerá-la instigante e estimuladora. Desse modo, considerando todo esse contexto, o estudo aqui apresentado propõe-se a investigar as causas que levam os discente, em algum momento do processo de ensino e aprendizagem, apresentarem certa resistência ao contato com a leitura do texto literário.

NATUREZA DA PESQUISA

O trabalho apresentado aqui é uma pesquisa de cunho descritivo, fundamentada em procedimentos metodológicos de um estudo de caso e pautada nos princípios qualitativos e quantitativos do método científico. Neste trabalho, nos propomos a investigar e descrever as possíveis causas que levam os discentes da turma do 7º ano “a” do ensino fundamental de uma escola pública estadual da cidade do Crato – Ceará, a apresentarem uma resistência a experiência leitora com o texto literário. A investigação partiu, inicialmente, da observação das aulas de Língua Portuguesa ministradas na turma e, posteriormente, da aplicação de um questionário aos alunos. Além disso, o trabalho acadêmico se fundamenta num arcabouço teórico que contribuirá para análise, discussão e compreensão das informações colhidas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O hábito da leitura desenvolve-se a partir dos primeiros contatos da criança com o universo dos livros. Tal processo tem início, geralmente, durante os primeiros anos do período pré-escolar. Assim, “se os pais e professores do jardim de infância se compenetrarem de que o estímulo precoce é o mais eficaz e de que o treino da linguagem é essencialmente necessário [...] incentivarão as crianças a folhear livros [...]” (BAMBERGER, 1977, p.64).



A criança experimenta as primeiras vivências com a leitura a partir do contato com a literatura infantil de maneira sensorial e no decorrer dos anos vai conhecendo o mundo mágico permeado pela fantasia e aventuras da literatura infanto-juvenil. Tais experiências de leitura já nos primeiros anos da escola serão cruciais e determinantes das leituras seguintes e, por isso, a atuação dos pais e professores segue a mesma tendência decisiva para o futuro leitor. Nesse sentido, “a ajuda do professor no desenvolvimento de interesses e do hábito de leitura é especialmente necessária, em se tratando de leitores fracos” (BAMBERGER, 1977, p.64-5).

O professor que se propõe a desenvolver um trabalho comprometido com uma educação transformadora pode encontrar na literatura recursos propícios ao alcance de seus objetivos. Para tanto, cabe investir esforços com o intuito de incentivar o hábito da leitura, de tal modo que essa experiência leitora possa expandir-se e multiplicar-se, tornando-se uma prática de atitude consciente frente aos desafios proporcionados pelo texto e não uma resposta rotineira e automática à exigência de leitura.

A formação do leitor, portanto, tem início no ensino fundamental, criando condições para que, através do registro escrito da cultura, possam se estabelecer interações significativas, bem como a fruição do texto. Nessa lógica, o trabalho com a literatura pode ser compreendido como um importante exercício de autonomia, pois se constitui por meio da linguagem, buscando responder às demandas subjetivas do aprendiz, além de oportunizar, simultaneamente, a sensação de satisfação pessoal e conhecimento de mundo.

Ao nos remetermos a formação de um leitor literário, devemos levar em consideração alguns fatores importantes, dentre eles, podemos citar dois que tomamos como essenciais: a não imposição da leitura e a valorização das leituras de mundo que o aprendiz já trás consigo. É preciso termos em mente que forçar a leitura de textos literários ou de qualquer outro tipo não resulta no despertar da vontade pela leitura; pelo contrário, intensifica a resistência a esse tipo de experiência. Em contrapartida, a convivência com indivíduos que apreciam o universo literário poderá contribuir para incitar o interesse desse sujeito pela leitura. A literatura propicia a seu consumidor a possibilidade de, através dela, podermos vivenciar nossa subjetividade, projetando no texto literário nossos sentimentos; logo, não é possível que isso aconteça se a leitura ocorre de modo imposto e autoritário.

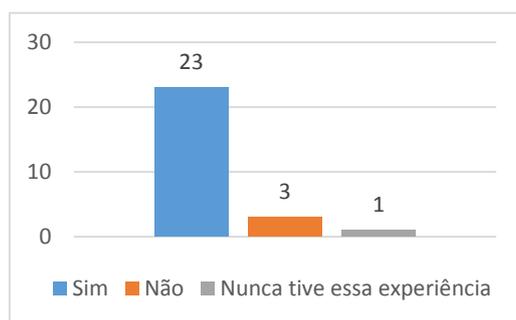


Além disso, os acervos escolares precisam contemplar as histórias desses sujeitos, bem como, suas condições de vida. Pois, dessa forma, aproveitando o ensejo dessas leituras o professor pode “introduzir discursos afirmativos, humanizadores, sobre diferenças tratadas de forma desigual no contexto social no qual os alunos e docentes vivem e se realizam como sujeitos no mundo” (SOARES, 1999, p.78). Discutir tais temáticas relativas à convivência social, preconceitos e diferenças culturais que constituem o contexto social em que estamos imersos torna-se primordial se queremos formar leitores mais conscientes e críticos, além de mais sensibilizados com as questões sociais e menos segregadores.

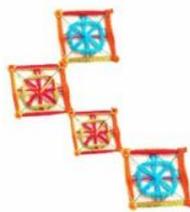
COLETA DE DADOS: ANÁLISE, DISCUSSÃO E REFLEXÃO

O questionário utilizado para o levantamento das informações foi respondido por 27 alunos da turma do 7º ano “A” do ensino fundamental, estudantes da Escola de Ensino Médio e Fundamental Governador Aduino Bezerra, instituição pública estadual residente na cidade do Crato – Ceará. Esse instrumento de coleta de dados compõe-se de perguntas diretas, fechadas, além de múltipla escolha e busca verificar as possíveis causas que geram determinada resistência desses indivíduos a vivenciar uma experiência leitora a partir do contato com a leitura do texto literário. Respondido o questionário e organizado as informações, podemos verificar o seguinte cenário:

1. Você gosta de ler livros de histórias de ficção?



O resultado desse primeiro questionamento nos faz duvidar da convicção de que cada vez mais, crianças e adolescentes, têm lido menos. A realidade é que em sua grande maioria, aliamos a atitude de liberdade e aparente descompromisso desses sujeitos a uma ideia de inatividade leitora. Quando na verdade o que podemos perceber é que o contato com a leitura tem crescido e que esses indivíduos, atualmente, têm acesso a obras

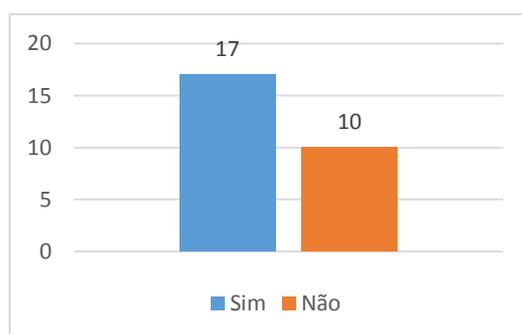


literárias que num passado recente circulavam apenas em famílias de alto poder aquisitivo. No entanto, vale ressaltar que num panorama geral, a educação brasileira ainda apresenta um insuficiente e precário acesso à leitura literária.

É importante termos em mente também, que o conceito de ler tem evoluído ao longo dos anos e, isso, precisa ser considerado, principalmente, porque o atual modelo de leitura das crianças e dos jovens tem se modificado devido ao uso e avanço da tecnologia. Portanto, é preciso criar condições para que em sala de aula as leituras possam ser mais dinâmicas e, assim, sejam capazes de atrair a atenção desses indivíduos para conhecer um universo permeado pela magia e encantamento presentes na literatura.

Nesse sentido, pensar e desenvolver estratégias metodológicas de trabalho com a leitura literária de modo adequado faz-se extremamente necessário. Visto que o professor, enquanto agente mediador entre a leitura e o leitor, precisa planejar bem esse processo de escolarização da literatura sem perder de vista o fascínio que uma boa história pode despertar no sujeito, bem como o gosto pelo texto literário. Assim, torna-se fundamental que o profissional docente tenha competência para encarar o livro como a possibilidade de acesso a um mundo novo repleto de descobertas, caso contrário, segundo Eliana Yunes (1997, p.11), “o livro pode ser o suporte mais fascinante e complexo das narrativas e informações fundamentais de nossa cultura, mas corre o risco (e o desenlace pode ser fatal) de cair em mãos de quem não ver a necessidade em ler, nem descortinar prazer nessa ação”.

2. Você está lendo algum livro atualmente?



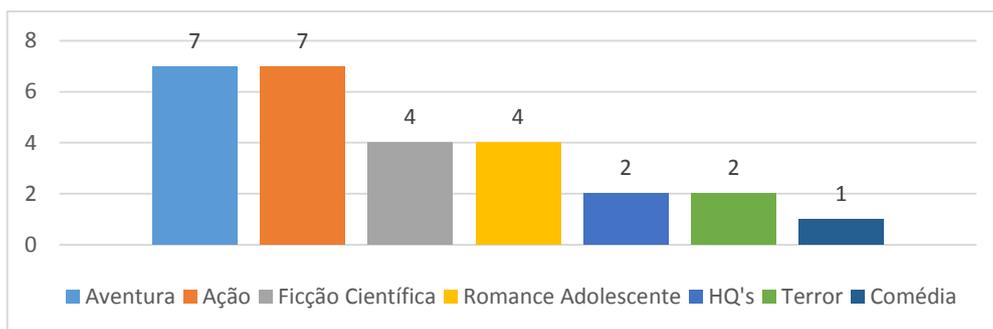
Os dados acima revelam que a maioria dos alunos investigados têm cultivado o hábito da leitura. Esse resultado positivo deve ser explorado pela escola, pois por meio da leitura literária podemos manter contato com possibilidades de novos caminhos, valores e pensamentos, bem como aguçar novas maneiras de ver o mundo.



O trabalho com o texto literário deve centralizar seus esforços na capacidade do sujeito de criar, evitando o comodismo da interpretação superficial do texto, que muitas vezes se restringe apenas na localização de ideias centrais e na identificação de personagens. É preciso explorar o texto de modo a despertar no leitor a emoção e o desejo de viajar por um mundo diferente, cheio de possibilidades permitidas pela prática da leitura.

A Literatura Infanto-Juvenil, por exemplo, é um excelente ambiente para os anseios do leitor e, que por muitas vezes o faz se reconhecer nela. Assim, as experiências do leitor contribuem para a construção dos sentidos do texto e a literatura, conforme Nelly Novaes Coelho (2010, p.43), “é o meio ideal não só para auxiliá-las a desenvolver suas potencialidades naturais, como também para auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a idade adulta”.

3. Que tipo de história de ficção chama mais a sua atenção?



As informações coletadas nesse ponto demonstram uma razoável diversidade quanto à escolha dos gêneros textuais e ao gosto literário dos alunos. É importante que o professor conheça os gêneros textuais literários que fazem parte do repertório de leitura de seus alunos e quais deles lhes despertam maior interesse, pois dessa forma conseguirá sugerir obras que terão maior probabilidade de aceitação pela turma, além de estabelecer um ambiente favorável para a inserção de novas sugestões de leitura antes desconhecidas pelos discentes. Assim, o desafio está em explorar as capacidades leitoras desses indivíduos, de modo que, possamos instigar no receptor o desejo pela leitura literária.

A prática dessa leitura favorece as relações intelectuais e potencializa situações reais vividas pelo leitor, proporcionando a ele a oportunidade de experimentar certas peculiaridades e efeitos que o texto literário pode oferecer. Nesse sentido, tal condição se mostra de maneira mais evidente quando os sujeitos envolvidos nessa relação são crianças

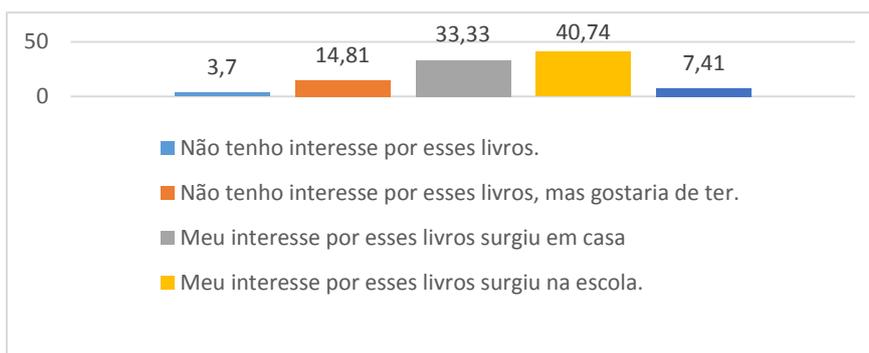


e jovens, pois a leitura da literatura contribui para construção da formação de suas personalidades. Paulino e Cosson (2009) nos afirmam que:

[...] na verdade, todos nós construímos e reconstruímos nossa identidade enquanto somos atravessados pelos textos. O que cada um é, o que quiser e o que foi dependem tanto de experiências efetivas, aquelas vividas, como da leitura que se faz das próprias possibilidades de ser e das experiências alheias a que tenha acesso por meio dos textos (PAULINO; COSSON, 2009, p.69).

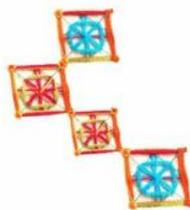
Nessa perspectiva, a escola enquanto instituição formadora do indivíduo deve assegurar as condições necessárias para a construção do ser. Logo, para que isso ocorra é preciso que a instituição se empenhe a oferecer ao aluno uma formação que garanta o conhecimento sobre o mundo e sobre as novas possibilidades de crescimento por meio da leitura do texto literário.

4. Como surgiu seu interesse por esse tipo de história de ficção?



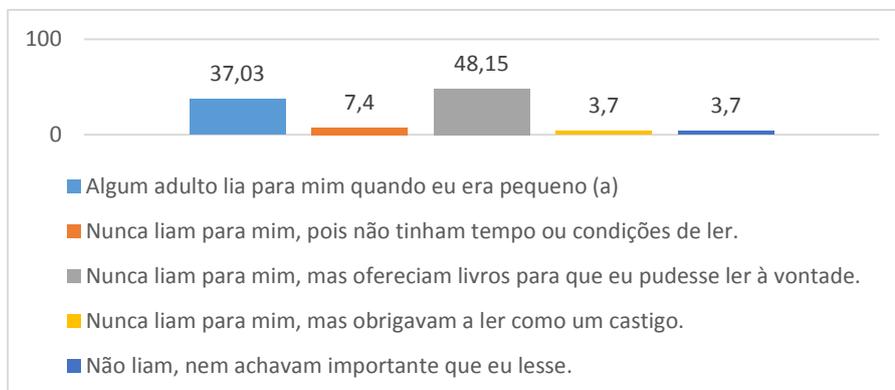
Os dados obtidos mostram que a maioria dos alunos consideram que a escola foi a entidade responsável por despertar neles o interesse pela leitura. Já a família ocupa o segundo lugar quando o assunto é incentivar o hábito leitor em crianças e adolescentes. Desse modo, podemos concluir que a escola e a família são as principais instituições, embora não exclusivas, que podem contribuir para a criação e manutenção do hábito pela leitura. O ambiente familiar quando composto de leitores frequentes e que se dedicam à leitura literária, provavelmente, apresentará maiores chances de sucesso ao estimular o gosto pela leitura nos aprendizes.

Contudo, quando nos deparamos com leituras mais complexas, estas requerem intervenções de maneira processual. Neste caso, a perícia do professor enquanto mediador da leitura torna-se fundamental, pois cabe a ele lidar com determinadas exigências, como por exemplo, o domínio de algumas dimensões como o conhecimento prévio do leitor, a



experiência com novas estruturas textuais e temáticas, que muitas vezes o ente familiar não está preparado para operar de forma adequada junto ao leitor iniciante.

5. Quanto a leitura de histórias de ficção em casa:



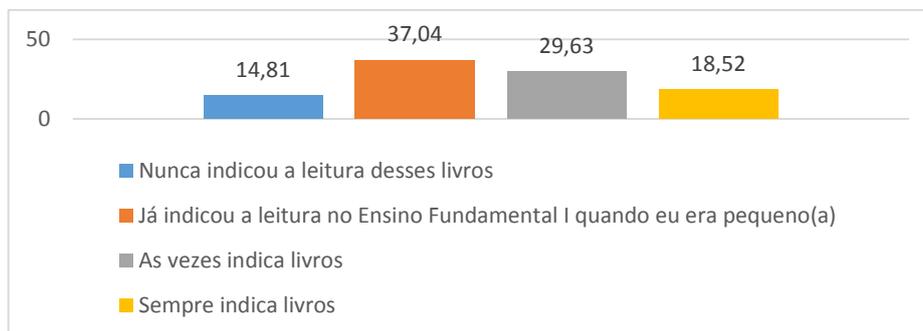
O gráfico nos revela o quanto ainda é necessário avançarmos no quesito incentivo à leitura no âmbito familiar. Tal realidade, obviamente, é resultante de diversos fatores que podem contribuir para a formação desse quadro, como por exemplo, a própria situação socioeconômica de algumas famílias que não tem recursos suficientes para a aquisição de livros, a precariedade de acesso a material de leitura diverso e de qualidade, a falta do domínio da leitura em alguns grupos familiares, dentre outras situações pertinentes a esse contexto que podem atuar como complicadores do estímulo ao hábito de ler.

A leitura é utilizada em inúmeros contextos e com uma imensa variedade de fins. Assim, ela está ligada não apenas às situações formais e estruturalmente rígidas, mas também funciona como instrumento de acesso a informação e a formação de um olhar distinto para o mundo. Desse modo, criar condições favoráveis ao desenvolvimento de um hábito leitor desde cedo é muito importante, visto que é no ambiente familiar, antes mesmo de receber a educação formal em uma instituição escolar, que a criança inicia sua formação leitora.

O incentivo à leitura pode ocorrer através de diferentes estímulos, como por exemplo, dos laços fraternos dos pais ao criarem condições de acesso aos signos, inicialmente através de livros de ilustrações, cantigas de rodas, contação de estórias ou até mesmo no auxílio à resolução dos exercícios escolares, mas também por meio do contato com as tecnologias de intermédias, como, a internet, o cinema, a TV etc. Por conseguinte, os pais podem ainda contar histórias para os filhos dormirem, presentear-los com livros quando possível, ler para elas etc.



6. Quanto a leitura de histórias de ficção na escola:



Ao pensarmos em leitura, é necessário que a instituição escolar compreenda que o ato de ler não é uma atividade complementar da escrita e, portanto, precisa ser vista pelos professores como uma competência para a vida toda, do contrário, as dificuldades de leitura enfrentadas por nossos alunos continuarão resultando de forma negativa no desempenho escolar deles.

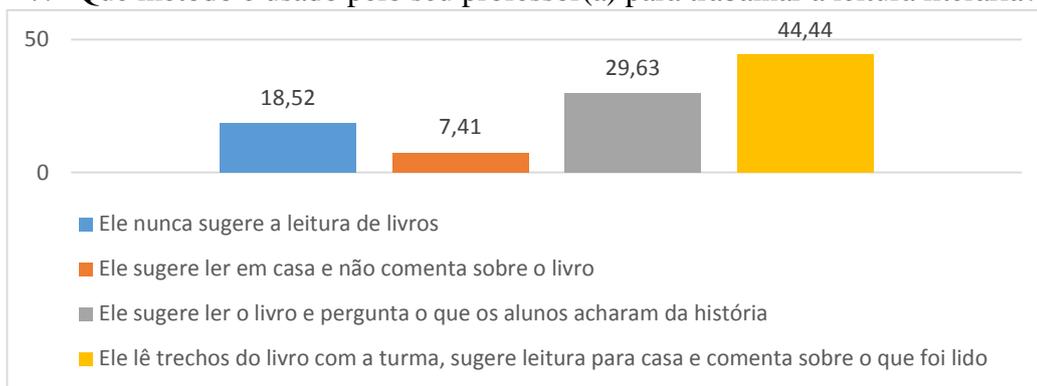
Dessa forma, no intuito de proporcionar um contato mais diverso com a leitura, a escola pode criar espaços para debates, discussões, depoimentos sobre o que foi lido e, assim, dar vida a um ambiente de leitura com maior interatividade. Além disso, é uma ótima oportunidade de instigar o leitor a vivenciar essa experiência leitora de modo mais atrativo e dinâmico. Conforme o que nos sugere Souza (2008):

[...] cabe ao professor promover no espaço de aula um espaço interativo, participativo e tentar extrair dos discentes o conhecimento tácito que estes têm para enriquecimento da discussão, uma vez que diversificadas são as multirreferências que compõem cada um. (SOUZA, 2008, p.06).

O professor deve planejar suas ações pedagógicas considerando sempre que possível as especificidades de cada sujeito e respeitando suas origens, além de buscar ofertar obras de reconhecida qualidade literária que levem o leitor a reconhecer-se em sua escolha. Segundo Bamberguer (1977, p.24), “é preciso incentivar a leitura a ponto de fazer com que o aluno se sinta bem e realizado ao ler, levando-o ao aprendizado e ao desenvolvimento da crítica, de forma divertida, ampliando assim, o gosto pela leitura nos alunos”.



7. Que método é usado pelo seu professor(a) para trabalhar a leitura literária?

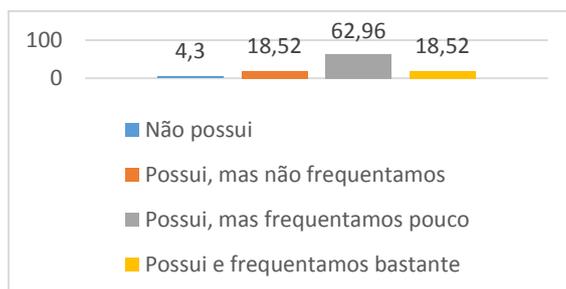


Existe uma variedade de estratégias metodológicas que podem ser utilizadas para que os alunos desejem envolver-se com a leitura do texto e, desse modo, construam um hábito de leitura fundamentado no gosto literário e no potencial crítico-reflexivo. Nesse sentido, o ponto de partida para o alcance desse objetivo reside, primeiramente, no professor, ou seja, é preciso que ele desenvolva em si, um gosto e um hábito leitor, além de construir um cabedal de textos e autores suficientemente capazes de atender àquela faixa etária acompanhada por ele.

Ao analisarmos as informações do gráfico, podemos perceber que essa realidade está cada vez mais distante do real trabalho feito em sala de aula com a literatura e a leitura literária. Pois, o que se verifica ainda é uma maciça forma de trabalhar a literatura imbuída nas concepções tradicionais de ensino, isto é, na transmissão e repetição de conteúdos.

É importante termos em mente que trabalhar o texto literário requer levar em consideração os processos históricos constituintes da Literatura, de suas obras e composições, bem como a atuação do professor e do aluno. Logo, é necessário que tanto o professor quanto o aluno estejam em contato direto com essa produção literária no intuito de poder refletir sobre ela e recriá-la, abrindo assim, possibilidades para novos horizontes de expectativas.

8. A sua escola possui biblioteca ou sala de leitura, e como que frequência vocês a utilizam?





A biblioteca escolar tem como função primordial fomentar o gosto pela leitura e a construção de um hábito leitor, bem como criar estratégias que estimulem os alunos a lerem instigados pelo prazer estético proporcionado pelo texto literário. No entanto, a partir da análise dos dados é possível constatar a pouca valorização dada a esse ambiente de aprendizagem tão importante para a formação do leitor.

O espaço destinado à biblioteca escolar deve ser um local onde seu público através da leitura depara-se com experiências inéditas, sensações e mundos novos, constituindo-se em um ambiente rico, divertido e convidativo. Segundo Silva (1996), todos aqueles que fazem parte da escola devem atuar na valorização e efetivação dos ambientes que a compõem, uma vez que:

[...] a organização e o funcionamento de bibliotecas escolares exige e exigirá o esforço e cooperação dos administradores, professores, alunos, bibliotecários e membros da comunidade. [...] esforço significa atualização, política pedagógica de conhecimentos. Cooperação significa partilha na disseminação de uma nova intuição de vida, coroada pelo trabalho produtivo coletivo. (SILVA,1996, p.195).

Portanto, ao despertarmos para a importância deste espaço na escola, o próximo passo é seguir em direção da união de forças para assegurar o melhor aproveitamento deste ambiente e garantir qualidade acerca da prática de leitura nele. Desse modo, é preciso que o professor esteja consciente de que a biblioteca é um excelente suporte para a formação do leitor e que contribui enormemente para o seu crescimento intelectual. Em vista disso, exige que o discente seja conduzido de maneira adequada por meio de uma metodologia eficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro contato do aluno com o texto literário, normalmente, ocorre na escola. Sendo assim, essa instituição formal desempenha um importante e delicado papel na mediação entre o texto e o leitor. Portanto, os professores precisam estar atentos a mediação adequada da leitura para que possamos assegurar uma experiência leitora do texto literário prazerosa.

Ao analisarmos os questionários respondidos pelos alunos, foi possível constatar que há, ainda, um longo caminho a percorrer quanto à viabilização do



acesso desses sujeitos a literatura, bem como motivá-los para que autonomamente ou não, busquem a leitura do texto literário. Contudo, ao que nos parece é que o grande entrave ao êxito dos nossos propósitos não se concentra, exatamente, nos alunos, mas em muitos casos na inexistência de uma prática pedagógica pensada para o trabalho com a literatura em sala de aula e/ou na inadequada forma de usar o texto literário.

Portanto, a ideia de resistência a uma experiência leitora advinda dos alunos, suscitada no início desse estudo, nos parece muito mais uma recusa a atividades de leitura sem sentido para o aluno, desmotivadoras, que na maioria das situações partem do uso do livro didático, apresentando-se pouco atrativa para despertar o interesse dos alunos pela leitura.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo, Cultrix: Brasília, INL, 1977.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7ª ed. São Paulo: Moderna, 2010

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Org.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SOARES, M. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, Aracy A. M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Zélia V. (Orgs.). *A escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, L. B. M. **A Importância da Leitura para a Formação de uma Sociedade Consciente**. Revista UNIRB, Salvador, v.1, n.2, p. 101-110, 2008-2009.

YUNES, Eliana. **Da teoria à prática: ler pode ser a saída**. In: AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997- Natal: EDFRN.